

Notas preliminares sobre estudos relacionados à desinformação publicados em periódicos especializados brasileiros (2005-2022)¹

Hendryo ANDRÉ²

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR
Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

O texto procura diagnosticar as perspectivas mais recorrentes em estudos brasileiros sobre desinformação. Para isso, foi feito um levantamento no Portal de Periódicos da Capes, em janeiro de 2023, com as palavras “desinformação” (título e/ou assunto) e “jornalismo” e derivações (em qualquer campo de busca). Foram selecionados 54 artigos, publicados entre 2005 e 2022, em 26 periódicos especializados do país. As notas preliminares revelam ênfase no enfrentamento às *fake news*, com acentuada ausência de pesquisas que problematizem os modos de operação vigentes no jornalismo profissional — sobretudo, pela ótica da noticiabilidade — para o contexto de desinformação funcional.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; desinformação; fake news; noticiabilidade; pesquisa bibliográfica.

INTRODUÇÃO

Novas demandas sociais por visibilidade, materializadas desde a popularização da internet e a ascensão de uma sociedade em rede (CASTELLS, 2016), ou uma cultura da convergência que “altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento” (JENKINS, 2009, p. 43), permitiram que figuras públicas e anônimas que desinformam, de forma deliberada ou não, ganhassem protagonismo — e alternativas para enfrentar esses atores/grupos sociais têm sido tônica da prática profissional aos estudos acadêmicos.

O novo regime de visibilidade, contudo, ultrapassa e mina princípios ontológicos da política representativa, da ciência e da educação, da história e do jornalismo. Trata-se de uma dinâmica social que parece pôr em xeque o modelo de sociedade disciplinar, aquele que se estrutura pela ideia de *negatividade*, de vigilância sobre corpos dóceis (FOUCAULT, 2014), e que propiciou espaço para o jornalismo se constituir como

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do 22º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de junho de 2023.

² Doutor em Jornalismo pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista de pós-doutorado (PNPD/Capes) do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Professor do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: hendryoandre@gmail.com.

eminente instituição social. Esse modelo tem sido reconfigurado por novas práticas sociais que, apesar de densas descontinuidades e contradições, culminam em uma *sociedade do desempenho* (HAN, 2021). Ao contrário da sociedade disciplinar, ela é estruturada por um imperativo de *positividade*; agudizada pela ideia de *mediatização* — grosso modo, um fenômeno de natureza não-linear de circulação discursiva permeado pela tecnologia (FAUSTO NETO, 2022) —, cria uma sensação *ilimitada* de liberdade.

Com essas questões em mente, no presente resumo busca-se compreender aspectos de transição de uma sociedade disciplinar para uma sociedade de desempenho (primeiro tópico) para, logo após a apresentação dos procedimentos metodológicos, compreender, a partir de uma pesquisa bibliográfica que reuniu 54 estudos publicados em 26 periódicos nacionais, quais as principais perspectivas sobre desinformação no país.

Os resultados preliminares revelam que as pesquisas estão majoritariamente polarizadas no enfrentamento às *fake news*, com poucos laços para a compreensão do papel do jornalismo profissional na proliferação de desinformação, aspecto que sugere a necessidade de ampliação de discussões acerca da própria noção de *noticiabilidade*.

DA SOCIEDADE DISCIPLINAR À SOCIEDADE DO DESEMPENHO

O movimento de relativização da verdade, iniciado nos anos 1960 por setores progressistas que almejavam “expor os preconceitos do pensamento ocidental, burguês e primordialmente masculino” (KAKUTANI, 2018, p. 17), nas primeiras décadas deste século tornou-se um problema social sem precedentes. Os efeitos mais imediatos trazem à tona narrativas que corroem campos de saber, em tese, socialmente consolidados.

Em que pese o amplo debate acerca do que Serva (2001) chamou de *desinformação funcional* — isto é, aquela que é sistêmica, não episódica —, a ascensão de uma cultura da convergência, especialmente no que concerne à ideia de participação em rede (JENKINS, 2009; SHIRKY, 2011), possui alguns aspectos relevantes. Primeiro, porque permite vislumbrar, potencialmente, um cenário mais horizontalizado para a *visibilidade social*, um princípio moderno que, tanto quanto a verdade, é crucial para a cidadania e a democracia (THOMPSON, 2013). Depois porque possibilitou espaços de luta para um movimento de “explosão discursiva em torno do conceito de ‘identidade’” (HALL, 2014, p. 103) que, ao mesmo tempo que passou a ser dotada de um caráter de *mercadoria*, exige visibilidade a grupos historicamente marginalizados.

Apesar das contradições, descontinuidades e hibridações, a modernidade pode ser entendida a partir de um regime social pautado pela ideia de *confiança* em determinadas instituições (GIDDENS, 1991). A política, a ciência, a filosofia e o jornalismo são exemplos de instituições sociais que ajudaram na consolidação de um projeto que permitiu o surgimento das democracias liberais. Embora com singularidades e divergências entre si, esses campos de conhecimento foram organizados dentro de um modelo disciplinar (FOUCAULT, 2004, 2014). Todavia, agora passam a enfrentar questões de um arranjo distinto de sociedade (HAN, 2021), o que sugere que as soluções para o problema da desinformação perpassam pela ressignificação de algumas práticas de produção e de circulação dos produtos jornalísticos.

Mais que consequência da mera migração de consumo de meios de comunicação analógicos para mídias digitais, a passagem para o século XXI marca o surgimento de uma sociedade caracterizada pelo desaparecimento, ao menos ao alcance imediato dos olhos, “da *alteridade* e da *estranheza*” (HAN, 2021, p. 10, grifos do autor). Significa dizer que o modelo de sociedade disciplinar, consolidado por uma *dialética da negatividade* — aquela que, focada em uma ideia bastante problemática de coletividade, proíbe; que é dominada pelo *não* — têm disputado e perdido cada vez mais espaço para um modelo de sociedade do desempenho pautado por uma *dialética da positividade* — aquela que, focada no indivíduo, é estruturada pelo *sim*.

Diametralmente opostos no campo dos sentidos, os dois arranjos sociais são fundamentados por formas de sujeição ao modo de produção capitalista. Ambos propiciam ainda o surgimento das mais diversas formas de violência, que produzem hostilidades que transitam da divisão política, que inviabiliza a ideia de consenso, até atos concretos de violência. Por isso, a compreensão sobre o fenômeno da desinformação na contemporaneidade perpassa a discussão, especialmente quando se observam que as duas formas de organização da vida social buscam estabelecer uma *economia da atenção*.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa bibliográfica consistiu na busca no *Portal de Periódicos da Capes*³ por artigos que contivessem as palavras “desinformação” (no título e/ou no assunto) e “jornalismo” e derivações — como a palavra “jornalista” (em qualquer campo). No total,

³ Levantamento realizado em 10/01/2023, no endereço <https://www.periodicos.capes.gov.br>.

foram reunidos 54 estudos, oriundos de 26 periódicos do país, publicados, salvo duas exceções, entre 2018 e 2022.

Foi realizada, até aqui, uma leitura integral dos textos, de caráter *exploratório e seletivo*, isto é, com a reunião de *insights* a partir de partes mais próximas ao objeto de estudo. Essa ação está sendo procedida por uma apreciação *analítica* — que visa arranjar os textos de modo a confrontá-los com o objetivo da pesquisa — e *interpretativa*, quando se procurou “estabelecer relação entre o conteúdo das fontes pesquisadas e outros conhecimentos” (GIL, 1999, p. 86).

NOTAS PRELIMINARES, CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS

É interessante observar como o tema desinformação era praticamente inexistente na literatura acadêmica brasileira antes de 2018. Muito além de um *modismo*, o aumento de estudos parece se ancorar na emergência da compreensão de um novo regime de visibilidade, fruto de um imperativo histórico que, a partir da ampliação do acesso às plataformas digitais e à consolidação de uma sociedade em rede, descaracterizou os arranjos do ecossistema informativo.

Uma primeira preocupação tem sido entender a origem dos estudos. Metade de toda a produção acadêmica foi feita por pesquisadores vinculados a instituições localizadas na Região Sudeste (27 trabalhos). Já a Região Sul reuniu 11 trabalhos; a Região Nordeste, 10; a Centro-Oeste, quatro; e a Região Norte, dois. Os demais trabalhos⁴, ainda que publicados em periódicos nacionais, foram desenvolvidos por pesquisadores internacionais e/ou brasileiros vinculados a instituições estrangeiras, com destaque para a Península Ibérica: Portugal, quatro; e Espanha, três.

Devido à própria ascensão dos estudos a partir de 2018, quando se olha para o recorte temático, há prevalência de temas ligados à política, sobretudo ao tema *eleições*, e à saúde, em convergência com o tema *pandemia*. Sob o viés temático, as duas áreas reúnem diretamente quase metade dos estudos. Se quase 70% dos estudos são fruto de pesquisa empírica, por outro lado, quando se observa a variedade metodológica há bastante concentração em aportes que lidam com a análise de textos jornalísticos (pouco

⁴ O número total de instituições passa do total de pesquisas devido ao fato de haver produções conjuntas, isto é, produzidas por pesquisadores oriundos de duas ou mais universidades.

mais de um terço da amostra). Revisões bibliográficas, questionários (*survey*) e entrevistas representam, somadas, outro terço.

Os resultados preliminares revelam que as pesquisas estão majoritariamente polarizadas no enfrentamento às *fake news*, com grande destaque para medidas paliativas, como desafios e estratégias — entre eles, a necessidade de desenvolver iniciativas voltadas à “competência midiática” — que a atividade precisa desenvolver para o combate e/ou enfrentamento a boatos que circulam nas redes. Materiais que lidam direta ou indiretamente com essa perspectiva são responsáveis por dois terços da amostra. Questões ligadas à ética, à ontologia e ao papel dos meios jornalísticos no contexto de desinformação (para além das estratégias) ocupam menos de 10% do *corpus*, o que sugere a existência de poucas pesquisas que se debruçam à compreensão do papel do jornalismo profissional na proliferação de desinformação, sobretudo, em relação à própria noção de *noticiabilidade*.

Ancorada desde o final do século XIX por valores desviantes, a *noticiabilidade*, ao contrário de um conceito fechado, é entendida aqui como uma forma específica e proeminente de visibilidade. Com as implicações da popularização da internet, a especificidade em si de um fato, que ao fim e ao cabo pode ser narrado por qualquer ator social, precisa se tornar secundária frente à singularidade do tratamento jornalístico, o que sugere uma quebra de paradigma.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, M. **O poder da comunicação**. 5. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2016.

FAUSTO NETO, A. Mediação, midiaticização: Conceitos entre trajetórias, biografias e geografias. *deSignis*, v. 37, p. 45–55, 2022.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 14. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis (RJ): Universitária, 2014.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HALL, S. Quem precisa da identidade? Em: SILVA, T. T. DA; HALL, S.; WOODWARD, K. (Eds.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014. p. 103–133.

HAN, B. C. **Sociedade do cansaço**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2021.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KAKUTANI, M. **A morte da verdade**: notas sobre a mentira na era Trump. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

SERVA, L. R. P. **Jornalismo e desinformação**. 2. ed. São Paulo: Editora Senac, 2001.

SHIRKY, C. **A cultura da participação**: criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 14. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013.